

CASA DE  
CAMILO



**Noites de Insónia**

15 dezembro 2021

**Formador:** João Paulo Braga



## Quarto dos Doze Casamentos Felizes

Quarto conto do volume *Doze Casamentos Felizes*, de 1861. Júlio Dias da Costa assinala: «No segundo casamento da *Revista Contemporânea* aparece um Macário Afonso que no livro (*Quarto Casamento*) é crismado em Hilário Afonso. Vem a propósito dizer que este conto foi republicado em 1884, em quatro folhetins, de 8 a 11 de janeiro, n' *A Folha Nova*, do Porto. O jornal fez a transcrição da *Revista Contemporânea* e não do livro *Doze Casamentos*, como se vê pelo título – *Outro Casamento* – que saíra da revista, e ainda pelo nome do tal figurão que aparece outra vez Macário, vinte e três anos depois de Camilo lhe ter trocado este nome pelo de Hilário. Parece que o romancista se arrependeu da troca porque em 1876, n' *O Filho Natural* (5.ª das *Novelas do Minho*), aparece de novo Macário Afonso que, diz Maximiano Lemos, “não é uma criação de fantasia. Era um boticário de Friúme, com quem Camilo teve relações”. Ainda a propósito, o ilustre camilianista anota que “deve ter sido o mesmo Macário que sugeriu o nome que apareceu na primeira versão do quarto casamento que é, como disse, o segundo da *Revista Contemporânea*. E é de crer que fosse também essa a origem do nome do outro Macário, o Eusébio, outro boticário, certamente o mais notável de todos os Macários camilianos!”»

<sup>1</sup> Costa, Júlio Dias da, *Palestras Camilianas*, Lisboa, Empresa Literária Fluminense, 1925, pp. 113-114.

*E viva amore!*

Boccaccio (*Il Decameron*)

 caso foi assim:

O senhor Hilário Afonso fora avisado, por um vizinho, de que sua sobrinha Inês namorava o filho de um boticário da terra.

Ora o senhor Hilário, conquanto, no começo da vida, tivesse exercido em Vila Real de Trás-os-Montes o improdutivo mester de botiquineiro, herdara depois grandes cabedais dum parente brasileiro, e trespassadas logo quatro garrafas de licor de canela e amêndoa, e meia dúzia de chávenas sem pires, e dois bules remendados com cintas de arame e bicos de lata, conseguira casar com uma velha fidalga e fidalga velha que tinha duas alimárias rompentes no escudo e uma ave desconhecida no timbre.

Desta fidalga é que era sobrinha D. Inês, formosa e esbelta menina de dezoito anos, nascida e educada em Lisboa, onde ficara órfã, e donde fora enviada como pupila a sua tia D. Hermenegilda Picoa.

Hilário Afonso tinha sido miliciano – sargento, creio eu – e conquistara renome de bravo, se não no fogo, na água mui deveras o merecera, sendo que a sua façanha celebrada fora ter ele atravessado o Douro a nado para ir levar ao general, marquês de Angeja, um officio importante, quando a passagem para a Régua estava defendida por guerrilhas do Silveira. Hilário encarecia esta proeza, como Byron a sua idêntica do Helesponto; e a jovem Clélia não se empavesara tanto por ter cortado a corrente do Tibre.

O façanhoso sargento não conhecia Byron nem Clélia: era sincera e piramidalmente estúpido. Esta invejável qualidade tornara-o digno de enxertar-se no tronco ilustríssimo de sua mulher, no que toca à fidalga inteligência de ambos. A questão do sangue, porém, essa é outra. O sangue de Hilário, filtrando

através dos rolos das peças herdadas, expurgara-se dos glóbulos plebeus, e até judaicos, pelos modos – que os praguentos da terra, afrontados pela soberba riqueza do antigo sargento de milícias, vingavam-se, dizendo que de Bragança descera para Vila Real uma belfurinha judia, cujo bisneto ele era.

Como quer que fosse, Hilário Afonso zelava o decoro de sua casa e andava no encaço de marido para Inês, presuntiva herdeira de seus tios.

Já D. Hermenegilda trazia de olho o morgado de Lobrigos, que tinha no brasão quatro cabeças de turcos; Hilário, porém, esmiuçando a prosápia do morgado, averiguara que o quinto avô dele casara com a filha do feitor da casa e a terceira avó não lograva boa fama com o capelão da mesma.

Dizem que o senhor Hilário, recolhendo destas pesquisas, antes de comunicá-las à consorte, parara defronte de quatro roí-dos retratos dos avós de sua mulher, e dissera: «Nobres bispos e generais!, posto que o vosso sangue me não corra nas veias, sou vosso neto pelo sacramento que me liga à mui nobre dama D. Hermenegilda Picoa Salema Bernardes! Não temais, portanto, que vossa neta e minha sobrinha, a muito nobre senhora D. Inês, manche a vossa linhagem!» E, dizendo, tirou os óculos para limpar, com o canhão da casaca, duas lágrimas bugalhudas que se lhe penduravam nas pálpebras inferiores. Era preciso relatar estes pormenores para dispor quem lê a imaginar de pronto qual seria a indignação de Hilário Afonso sabendo que o filho de um boticário se atrevia a erguer olhos esponsalícios para sua sobrinha. A fim de poupar a esposa a um insulto apoplético, não lho disse, e sofreu a paixão iracunda até poder expandi-la num rasgo de justiça em que D. Hermenegilda se desse por desafrontada.

E as revelações eram cada vez mais pavorosas. Dissera-lhe o abelhudo vizinho que, por volta de uma hora da noite, vira sair um vulto do portão, e ajuntou que, seguindo o vulto, reconhecera o filho do boticário.

Hilário abafou ainda o rugido; mas desafogou provisoriamente por um lance digno do final de um ato, como eu ainda não vi. Conduziu Inês pela mão defronte dos retratos, prolongou o braço na atitude estatuária dos patriarcas, alongou o indicador na pontaria de um dos dois bispos de lona, e resmungou com ventríloqua e tétrica entonação:

– Tenha vergonha daqueles heróis, senhora D. Inês Picoa Salema Bernardes!

Inês fitou os seus belos olhos de lustroso azeviche em Hilário Afonso e disse:

– O tio estará doido!?



**S**oara uma hora no relógio de S. Pedro.

A Lua passava no céu, serena e meiga, por noite estiva. A viração baloiçava com saudoso soldo as copas dos álamos e acácias e amoreiras que sombreiam a pitoresca alameda de Vila Real. Ao longo do peitoral desse passeio ia e vinha Hilário Afonso, com os olhos fitos sempre no portão da sua casa. Rebuçava-se cautelosamente num capote de camelão de quatro cabeções. Derrubada sobre os olhos, a aba do chapéu braguês projetava-lhe sobre o queixo inferior sombras sinistras. Um palmo acima do ombro saía-lhe o castão amarelo de um grosso pau de choupa. Das arcadas profundas do peito do senhor Hilário regurgitava, a espaços, um suspiro estrangulado e catarroso, como arremedo ao piar dos mochos, que pareciam carpi-lo das ruínas do próximo convento de franciscanos.

Bateu uma hora, e Hilário deu um sacão formidável: é que vira avizinhar-se um vulto da sua porta. Saiu do passeio e coseu-se com a parede, escondido pelo arvoredado. A Lua, meio velada na gaze de uma nuvem, mostrara o rosto em cheio. O vulto, que parara defronte da porta de Inês, conhece Hilário e retrocede. Este deixa

cair o capote e corre sobre o outro encapotado, que para e espera a pé firme o remetimento furioso.

Era o filho do boticário um moço de melindrosa compleição, já nascido nesta época de espartilhos e lunetas, mártir do verniz das botas, unguido de macáçar, inventor dos pós com que o rosado das unhas se purpureia e doutros pós dentífricos com que o esmalte primitivo se conserva em todo o seu brilhante.

A primeira paulada apanhou-o de ombro; a segunda caiu desamparada no chão, dez braças à retaguarda do alígero farmacopola. Era um fugir incrível e único na história das retiradas felizes!

Hilário Afonso recolhia, soberbo como Aquiles à sua tenda, e viu alguns objetos negrejando sobre a calçada que o luar prateava: eram uma capa, o chapéu e uma clavina-refe do destroçado amator de Inês.

Apanhado o espólio, Hilário subiu a escadaria e entrou pesado, hirtó e terrível, como a estátua do comendador, no quarto de Inês. A consternada menina presenciara o brutal ataque, no instante em que tirava subtilmente pelo trinco do portão. Fugindo temerosa ao som cavo que o elástico marmeleiro tirava das espáduas do seu bem, a menina perdera a presença de espírito que inspira os expedientes felizes e fora sentar-se, esbofada e chorosa, numa cadeira do seu quarto. Vendo, porém, Hilário, a raiva restaurou-lhe o ânimo e o escarlate retingiu-lhe a face que o temor amarelecera.

– Que tem que fazer no meu quarto? – exclamou Inês.

– Vergonha das Picoas Salemas! – rugiu Hilário, deixando cair a trouxa do fugitivo.

– Não lhe dou direito de me insultar! – replicou ela com lágrimas de cólera. – O senhor não me é nada! Se devo ser repreendida, só posso sê-lo por minha tia; e, demais disso, neste quarto só entram mulheres.

– Neste quarto – redarguiu Hilário com gesto assombrado e fúnebre –, neste quarto, senhora D. Inês, morreu sua visavó D. Tomásia Picoa, e sua avó D. Teresa Salema Bernardes, as duas

mais nobilíssimas fidalgas desta província, honra e ornamento da sua linhagem, as quais teriam morrido de pasmo se soubessem que uma sua neta havia de... Sufoca-me a vergonha! Tremo que este teto desabe sobre a sua criminosa cabeça, raça degenerada!... Um boticário!... Um filho do Manuel das Alminhas!... Oh!, vergonha!...

E Hilário Afonso escondera o rosto entre as mãos, como Agamémnon no sacrifício de Ifigénia.

No entanto, D. Hermenegilda, acordada pelo grito das apóstrofes, saltara fora do leito, envergara um joeszinho de castorina cor de café com leite e, com a lamparina em punho, entrara no quarto da sobrinha.

Hermenegilda ignorava os precedentes deste conflito. A primeira ideia que lhe alvoroçou a cabeça estremunhada não é ideia que se diga, porque o ciúme humano nunca inventou tamanha calúnia.

Quando a velha fidalga entrou com a lamparina na mão, Hilário, ainda arquejante, caminhou para ela, rompeu nestas palavras:

– Senhora D. Hermenegilda!, fiz quanto em mim coube por que a senhora não soubesse que sua sobrinha, esquecida do sangue que lhe gira nas veias, dá palestra a um mecânico sevandija, a um plebeu, a um...

– Fale baixinho, Hilário! – interrompeu Hermenegilda, convulsa de terror. – Fale baixo, que não ouçam os servos este escândalo! Que ouvi, Céus! Estarei sonhando?!

– Não sonha, não! – tornou Hilário, erguendo do soalho a clavina e a capa. – Está vingada, senhora! Seus avós devem ter abençoado a minha obra. O pandilha está punido!

– Que pandilha? – exclamou a neta de D. Tomásia Picoa.

– O filho do boticário Alminhas! – bradou soturno e solene Hilário Afonso, escorchando sob o pé colossal o chapéu da vítima.

D. Hermenegilda expediu do peito um ai rouco e caiu nos braços do sargento de milícias.



Rompia a aurora desse dia esquerdo.

Inês fora acordada do seu dormir febril pela guizalhada dos machos duma liteira que parara à porta.

Em seguida, entrou no quarto da menina a sua criada particular, dizendo-lhe que a tia a mandava vestir para fazer uma curta jornada. Inês, alquebrada e sem vigor para resistir, vestiu-se.

Chegou depois a tia, e disse-lhe com agastamento:

– A menina vai hospedar-se numa casa daqui distante duas léguas, enquanto se prepara a sua entrada num convento de Lisboa, para onde vou participar ao conselho de família as vergonhas que a senhora veio trazer ao seio de uma família sem mancha.

– Pois eu manchei a minha família? – disse Inês com humildade dissimulada.

– Ainda o pergunta... Deixa-se amar do filho de um... de um... Oh!... horror!

– Diga, diga, minha tia...

– Não me chame sua tia!

– Não chamaria, não – redarguiu Inês, num ímpeto de veemente cólera. – Se lhe chamar minha tia serei obrigada a julgar meu tio um homem que não foi boticário, mas foi... botiquineiro.

– Já fora de minha casa!... já!... – berrou a velha, levando-lhe os punhos ao rosto.

– Lembro-lhe que meus pais nunca me bateram!... – disse com irónica submissão Inês.

– Ameaça-me?

– Não a ameaço; digo-lhe unicamente que as suas mãos nunca mais me hão de tocar no rosto e que muito tenho que agradecer a Deus por consentir que eu só fosse insultada pelas palavras da botiquineira.

Hermenegilda estava epilética: fazia caretas medonhas e contorcia-se como energúmena. Acudiram as criadas; e a próspera intervenção de uma pessoa estranha à família evitou que a velha

fidalga, ao recobrar-se dos paroxismos da cólera, se atirasse com unhas e dentes à sobrinha.

Esta pessoa estranha era um padre, amigo da casa, que devia acompanhar Inês ao seu destino.

A melancólica menina entrou na liteira com uma criada que já o fora de sua mãe. Ao lado da locomotiva soporífera encavalgava o clérigo, cabisbaixo, trombudo, sorvendo pitadas umas após outras, para espancar o sono, que, por vezes, o quisera precipitar do macho trôpego.

– Para onde vamos nós, senhor padre Custódio? – disse a criada pela janela da liteira.

– Para onde Deus for servido levar-nos. Daqui a hora e meia já sabe para onde vamos.

– Mas estes sítios são tão feios! – replicou a criada galhofeira. – Acho que nos levam para algum bosque!...

– Todos os lugares são bons, quando a graça do Altíssimo mora connosco – tornou o egresso, intervalando a sentença com o assobio da pitada. – Quer vossemecê saber um remédio eficaz contra a curiosidade, senhora Anacleto? Reze as suas continhas, se as leva; e, se lhe esqueceram, eu empresto-lhe as minhas.

– Muito agradecida, senhor padre Custódio; se vamos para algum deserto, não nos há de faltar tempo de rezar...

– Pois ainda bem, e bom seria que na terra povoada tivessem também rezado, para não trazerem a cabeça no ar...

Isto era alusão clara e pungente a D. Inês, que saiu do torpor, dizendo:

– Fala comigo, senhor padre?

– Se lhe serviu a carapuça, menina, a culpa não é minha – respondeu o austero levita, armando os dedos descarregados.

– Com que então, entende Vossa Reverendíssima que eu andava com a cabeça no ar?

– Pudera andar com ela pelo chão! – atalhou a criada. – Pelo chão devia muita gente, que eu cá sei, trazer as mãos...

– Vossemecê é muito malcriada – replicou o egresso.

– Parece que também lhe serviu agora a carapuça, senhor padre Custódio – disse Inês sorrindo.

– Tenha juízo, menina! Lembre-se de quem é filha e da vergonha que causou a toda a sua família.

– Pois eu envergonhei a minha família?

– E ultrajou-a aos olhos de Deus e da sociedade.

– Porquê?

– Faça-se de novas... Não se vexar de ser a namorada do filho do Alminhas, que está aí atrás da porta a pisar as drogas no almofariz!

– Pois a mulher que ama um homem que trabalha ultraja a sua família aos olhos de Deus!? Ó senhor padre, essa doutrina, se é a do Evangelho, é muito repugnante com a do Evangelho que me ensinou minha mãe. «Amai-vos uns aos outros, porque todos sois filhos do mesmo pai», dizia-me ela que isso era o espírito da lei de Jesus.

– Ai! Boa vai ela! – interrompera Anacleto. – A minha ama a ensinar o padre-nosso ao vigário, e acho eu que ele bem precisa que lho ensinem...

Padre Custódio ficou confundido, tartamudeando sandiamente algumas frases gosmentas, que um tropeção do macho interrompeu.

O desastre propiciou-lhe o rompimento da questão que o embaraçava; foi, porém, fatal para a porção essencialíssima deste santo varão, que era o bucho. A queda do macho foi queda a capricho, porquanto não há aí exceções às leis do equilíbrio que o padre não realizasse. Caindo, como é natural, a cavalgadura adiante do cavaleiro, é coisa absurda, porém certa, que o padre ficou entalado de modo que a cabeça, horrível de ver-se, emergia por entre as espáduas do macho; uma das pernas ficou arqueada na sela à guisa de retranca, e a outra, manifestando talvez a dor da companheira, sacudia-se no ar, com mais destreza que a perna de um arlequim.

Gemia padre Custódio; e Inês, compadecida, sabendo que, a meia légua distante, estava a aldeia para onde iam, apeou da liteira com a criada e fez que o gemebundo clérigo, comprimindo as entranhas deslocadas, se sentasse dentro.

**P**oucos passos adiante encontraram um galhardo moço, vestido de caçador e ladeado de uma matilha de cães.

Perguntou-lhe o liteireiro se era ainda longe a aldeia de Vila Chã. O caçador respondeu, e perguntou que casa procuravam nessa aldeia. Disse padre Custódio que era a casa do Dom Abade de beneditinos Frei António da Silveira.

– A essa casa pertenco eu – tornou o caçador. – Frei António é meu tio, e o senhor padre Custódio deve conhecer-me.

– Agora conheço perfeitamente; mas desculpe, que eu levo aqui o espinhaço quebrado de uma queda.

– Eu já estava admirado de ver esta senhora a pé – tornou respeitosamente o caçador. – Visto que vão para minha casa, eu retrocedo, e farei quanto possa para tornar a Vossa Excelência menos aborrecida a caminhada.

– Conhece essa menina, senhor Silveira? – disse o padre.

– Creio que é da casa da senhora Picoa. Tenho-a visto algumas vezes, e creio mesmo que já troquei com Vossa Excelência algumas palavras, há hoje cinco anos, vindo Vossa Excelência de Lisboa para a província. Talvez se recorde no desembarque do *Vesúvio* no Porto...

Inês recordou-se e corou ligeiramente.

Este corar tem uma história de doze linhas:

Duarte da Silveira, o sobrinho do Dom Abade, ouvira dizer, a bordo do *Vesúvio*, que a peregrina passageira ia para Vila Real, onde tinha parentes. Contemplara-a embevecido durante a fugitiva hora que precedeu o desembarque. Também o ela observara com furtiva curiosidade. Quando afinal Inês, com um relance de olhos, se despedia, Duarte saltou no mesmo bote e, a ocultas das pessoas que a acompanhavam, pôde dizer-lhe:

– Sei que vai para uma terra muito triste.

– Não importa – respondeu ela. – De que me serviria uma terra alegre?

Duarte da Silveira ia recordando este curto diálogo a D. Inês, enquanto o padre, aplacadas as dores, e embalado pelo movimento pendular da liteira, reatava o fio do sono, cem vezes cortado.

D. Inês, lisonjeada pela memória de Duarte, recebia afetuosamente o ar de melancolia com que ele ia poetizando as lembranças daqueles rápidos momentos. O filho do farmacêutico, se a visse nesse momento, daria por malbaratadas as dores que, àquela hora, estava sofrendo nas omoplatas e costelas correspondentes. O próprio leitor, se a examinasse com os olhos da sua razão suspicaz, julgá-la-ia capaz de imolar o filho do Alminhas, se não às aras dos seus ilustríssimos avoengos, ao menos àquelas palavras doces que o romanesco Silveira balbuciara, cinco anos antes, com sentimental meiguice.

As mulheres, se não tivessem estas adoráveis esquisitices, pouco mais valeriam que os homens.

V

**C**hegaram a Vila Chã.

Enquanto Inês era recebida pela mãe de Duarte, padre Custódio recolheu-se particularmente com o abade e falou assim:

– Esta menina foi-me confiada para que eu a depositasse em casa capaz, temporariamente, até se lhe preparar em Lisboa um convento. Sua tia, a senhora D. Hermenegilda Picoa, não a quer consigo porque se arreceia que ela faça um mau casamento com um pandilha de Vila Real. A ilustre casa de Vossa Reverendíssima é a mais digna que eu conheço, deste depósito, e por isso venho, na certeza de que ma recolhe por alguns dias, pedir-lhe que hospede esta menina até havermos de Lisboa as necessárias ordens.

O Dom Abade refletiu alguns segundos e disse:

– A que chama *pandilha* o senhor padre Custódio?

– A que chamo eu...

– Sim; disse o meu amigo que esta menina queria casar com um *pandilha*...

– Sim, *pandilha*... é assim como... filho de boticário, ou coisa que o pareça...

– Ah!, percebi... Esta menina queria casar com o filho de um boticário... Mas... há de haver vinte anos que, sendo eu rapaz dos meus vinte e cinco, ia tomar umas orchatas e capilés ao botequim de um tal Hilário, que, *si rite recordor*, é o atual marido da Excelentíssima Senhora D. Hermenegilda Picoa Salema Bernardes...

– Isso é verdade – retrucou o padre –, mas Vossa Reverendíssima há de saber que o senhor Hilário Afonso herdou para mais de duzentos mil cruzados em boas peças de duas caras, e o filho do Alminhas não tem onde caia morto.

– Agora compreendi cabalmente a distinção – tornou com fino sorriso o Dom Abade. – Pois, meu caro senhor padre Custódio, eu sinto assaz que o senhor escolhesse a minha casa para tão de preço quanto melindrosíssimo depósito. A neta de avós tão preclaros há de achar-se apertada entre estas paredes nuas de rases. Demais a mais, o meu bom amigo e senhor padre Custódio sabe que eu tenho um sobrinho rapaz, e fatalidade seria que esta menina, confundindo-o um momento com o filho do boticário, *horresco referens*, o fizesse entrar na classe dos *pandilhas*, consoante a nomenclatura do meu amigo, *quod Deus avertat*.

– Assim é; mas vou confiadíssimo em que o meu amigo Dom Abade, honrado e cristão como é, não há de consentir que seu sobrinho desinquiete a moça...

– Decerto, decerto... – replicou com um frouxo de riso António da Silveira. – Farei tudo para que a senhora D. Inês não seja desinquietada. Vá o meu amigo seguro de que em minha casa não se pratica uma ação que não possa desde logo ser sabida por todo o mundo.

Saiu o padre Custódio satisfeito da sua missão; e D. Inês, vinte e quatro horas depois que entrara na casa de Vila Chã, dizia que, depois que seu pai lhe faltara, nunca tivera um dia tão feliz!

A mãe de Duarte era uma santa senhora, cheia de riquezas naturais do coração, toda indulgência e bondade, lida grandemente no seu *Relicário Angélico* e *Retiro Espiritual*, cuidando muito no amanhã da sua casa, e ralhando com o filho porque este não entendia nem queria entender de lavoura. A boa senhora suspirava sempre por uma filha, e dizia que, amando tanto Duarte, ainda sentia no coração ternura para satisfazer as ambições da mais estremecida filha. E agora, vendo Inês tão linda e terna, dizia, beijando-a: «Se Deus me tivesse dado uma assim!... ou se meu filho pudesse um dia encontrar uma esposa como a menina, havíamos de reparti-la pelo amor de nós ambos.»

Palavras eram estas que se entranhavam muito no coração de Inês e arrasavam de mal escondidas lágrimas os olhos de Duarte.

## VI

 Sol envolvera-se na púrpura dourada da orla ocidental.

As pastoras entravam na aldeia, com as suas cantilenas melancólicas e saudosas, para encurralarem os rebanhos.

Lá mui longe soava aquele triste gemer do carro que em nossa língua, criada nas cidades, não tem expressão bastante imitativa.

As vacas, jungidas ao apeiro, mugiam saudosas dos novilhos, que as chamavam das cortes e quinteiros.

Era a hora do amor, da esperança e da saudade. A hora em que choram os infelizes. A hora em que os maus se encontram e despedaçam. A hora em que o justo ergue fervoroso as mãos, e saúda Maria com as palavras do anjo da Anunciação. A hora, enfim, mais querida dos poetas, poetas de alma, digo; que dos bucólicos, à força de arte, tem sido essa santa hora mui deveras profanada com enjoativas lamúrias e maus versos.

Estavam Inês e Duarte sentados no degrau de pedra bruta que forma o pedestal de uma cruz, no ponto mais elevado da aldeia. A mãe de Duarte acabava de rezar ave-marias e ficara em mudo

êxtase, com as mãos cruzadas sobre o regaço, contemplando a estrela Vésper. O abade aflagava entre os joelhos um corpulento mastim, que forcejava por lambê-lo o rosto. À beira do venerando beneditino estava o breviário, que ele fechara pouco antes, concluda a reza de vésperas.

Profundo era o silêncio do Céu e da Terra, quando Inês, como falando consigo, murmurou:

– Sonhei uma vez a felicidade, e parece-me que era assim.

E, como se o arrependimento sucedesse à frase, Inês, com um suspiro trémulo, parecia querer simular que repentinamente acordava de um sonho.

O Dom Abade fitou-a silencioso, declinou os olhos sobre a cunhada e disse:

– Ana, ouviste as palavras da tua amiga?

– Ovi – respondeu a mãe de Duarte sem desfitar os olhos do Céu –; ovi, e estava pedindo ao Senhor que realizasse o sonho da nossa amiga, da minha Inês.

– Da tua Inês!... – disse risonho o padre. – Como já lhe chamas tua!

– E não sou?! – acudiu Inês. – Não quero outra mãe neste mundo... Se ela morrer primeiro que eu, encontrarei duas no Céu.

Duarte apertou com veemência a mão de Inês e disse:

– Seremos então irmãos no Céu?

– Bem-aventurado parentesco na presença do Senhor! – disse o Dom Abade bento; e, erguendo-se, continuou: – Vamos, Duarte. Este ar da noite não é saudável à senhora D. Inês. Ontem ia constipada, quando recolhemos.

– Mas a noite está tão linda... – redarguiu meigamente Inês.

– Pois fiquemos um pouco mais – disse Frei António.

Sentara-se outra vez o padre, quando um criado o chamou, dizendo que viera uma carta de Vila Real.

Inês estremeceu. Duarte encontrou os olhos perplexos dela, como perguntando-lhe o que o coração lhe dizia.

– Será o segundo adeus para nunca mais? – disse Inês, erguendo-se.

Só Duarte a ouvira, e respondera momentos depois:

– Aquele de nós que primeiro se despedir despede-se de um moribundo.

Nesta resposta havia não só estilo, mas também energia, e creio até que verdade.

## VII

**E**ra uma carta de padre Custódio, anunciando que, passados três dias, viria buscar D. Inês, para de lá seguir para Lisboa, onde lhe estava disposta a entrada no Convento das Comendadeiras da Encarnação.

O Dom Abade leu a carta e fechou-se na sua alcova. Duarte entrou no quarto de seu tio, em cujos olhos ainda luziam resíduos de lágrimas.

– Vem cá, Duarte – disse ele com muita amargura. – Tu amavas Inês?

– Se amava!... pergunta-me como a amo, meu tio?

– Inês, passados três dias, sai daqui.

– Veja que eu ouço sem empalidecer essa nova.

– Que quer dizer isso?

– Quer dizer que morro quando ela sair de entre nós. Meu tio conhece o meu carácter, e decerto me crê. Sou religioso, e a religião não me basta.

– Não sei nada do coração humano – tornou o abade –; penso, porém, que será paixão de fantasia a que lavra tão fundas raízes na alma em menos de mês e meio. Não questiono. Chama Inês e tua mãe.

Entraram ambas, que se tinham abraçado na aflicção da mesma suspeita. O abade guardou silêncio alguns segundos.

– Creio que adivinhámos, minha filha – disse D. Ana.

– Que adivinharam? – interrogou o padre.

– Querem tirar-nos Inês.

– Querem – tornou Frei António.

Inês aproximou-se do Dom Abade, tomou-lhe a mão, levou-a aos lábios, e disse com maviosa mágoa:

– Tenha compaixão de todos.

– Não se aterre, minha menina – disse o egresso, apertando-a pela cintura com paternal carinho. – Quer ser a esposa de Duarte? Responda sem pejo, ou deixe-me ouvir a resposta do seu coração... Quer. E tu, Ana, sabes que não bastam os carinhos de um marido para a felicidade duma senhora? É preciso que sejas mãe, e não sogra.

D. Ana correu aos braços de Inês, e choraram ambas.

– Vai tu, Duarte – prosseguiu o beneditino –, faz aparelhar o teu cavalo, que hás de partir esta noite para Braga. Eu vou escrever.

Era uma alegria louca a de toda aquela gente. Todos asseveravam que o não tinham dito; mas soube-se logo em toda a casa que a fidalga casava com o senhor Duarte.

D. Ana queria sentar Inês no regaço; Inês queria erguer D. Ana ao colo. Eram duas crianças a rirem e a chorarem, vertendo o coração inteiro numa só palavra, furtando-se uma à outra nos beijos o complemento da frase. Oh!, como era linda aquela noite!, as estrelas daquele céu!, o cantar daqueles rouxinóis!, o murmúrio de toda aquela natureza que parecia rir com todos!

## VIII

uarenta e oito horas depois, Duarte estava de volta de Braga, portador de uma licença do arcebispo para qualquer pároco poder receber ao sacramento do matrimónio os contraentes Duarte da Silveira e D. Inês Picoa Salema Bernardes.

Vestiu-se Inês singularmente; ia de branco, duas rosas de todo o ano entre as tranças, um cinto de verniz com fivela, um todo

de anjo, toda graça infantil do Céu, que parecia voar para lá sem deixar neste mundo uma só pena das suas asas.

Ajoelharam ambos no arco do presbitério. As palavras sacramentais dissera-as o coração primeiro muitas vezes e milhares de vezes as devia ter Deus abençoado.

Não sei dizer como foi aquele dia todo. Sei que, no seguinte, parou a liteira à porta do Dom Abade.

Padre Custódio apeou. Inês foi recebê-lo.

– Está preparada, menina? – disse ele chilreando a pitada numa volata nasal.

– Para quê?

– Para se recolher às Comendadeiras.

– Sabe-me dizer se lá há comendadores?

– Que quer dizer na sua? – redarguiu o padre com severidade.

– Que tenho de levar comigo meu marido.

– Seu marido! Isso é caçoada?

– Defina o facto como quiser. Diga a minha tia que é caçoada, se lhe apraz; mas diga-lhe também que casei.

Padre Custódio teve a imprudente tolerância de jantar e beber à saúde dos noivos.

D. Hermenegilda e Hilário Afonso tiveram a fraqueza de fazer herdeira universal sua sobrinha e de morrerem de amor dos netos

E o filho do senhor Manuel das Alminhas?... Ai!, esse casou-se com a filha do senhor Francisco Cerieiro; e conta com grande orgulho ter levado uma formidável lombada por causa da fidalga das Picoas. É onde pode chegar o orgulho de um tolo feliz!

Não pude averiguar mais nada a este respeito.

Lisboa, março de 1859.

*In Doze casamentos felizes*, de Camilo Castelo Branco.